**EDUCAÇÃO INFANTIL LUGAR DE ENCONTROS: DO PROFESSOR E ALUNO E DO ADULTO COM A SUA CRIANÇA.**

**ROSIMERI MARIA DE JESUS**- rosimeridejesus@gmail.com

Mestranda do Programa de Pós Graduação de Ensino da Educação Básica – CEUNES.

**RESUMO**

Esse artigo apresenta como objetivo trazer em evidencia a dificílima tarefa do professor do Espaço da Educação Infantil que se manifestar no encontro da criança seu aluno, e da criança do seu infantil, sempre vivo nos impulsos e no reflexo das suas ações docentes.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Criança. Encontro.

**INTRODUÇÃO**

A Educação Infantil ora é concebido como, um espaço propicio ao pleno desenvolvimento da criança, ora também é percebida como um espaço de angustia para o professor que nela atua, pois essa relação do professor da Educação Infantil com a criança exige muito envolvimento, por parte de ambos, e a tarefa que perpassa as facetas do “educar e cuidar”, desafia o professor, pois ocasiona o atravessamento inescapável com o infantil, provenientes de prazeres e desprazeres que ressurgem nas lacunas da história pulsional do professor da Educação Infantil.

E é exatamente nesse contexto de “encontros” do professor e da criança, assim como do adulto com o seu infantil é que podemos afirmar que o tempo não para.

Senso assim este artigo pretende através da experiência de um professor de filosofia do Município de São Mateus relatar a complexa função desse profissional e o desafio que o espaço que se “almeja” ser tão inofensivo, causa certo desconto e mal estar, principalmente ao fato da Educação Infantil, descortinar a criança escondida no adulto.

Será socializado também algumas experiências da autora ao passar pela gestão de um Centro de Educação Infantil da cidade de São Mateus por quatro anos, o que possibilitou experimentar desencontros com o infantil e acompanhar através de falas e comportamento de colegas os delicia e o desafios desse encontro com a criança no espaço da Educação Infantil.

Mesmo com a autorização dos profissionais em participar dessa pesquisa, serão utilizados nomes fantasias a fim de garantir além da ética profissional acadêmica a seriedade pela pesquisa voltada para o universo da criança, aqui especificado na Educação Infantil.

1 EDUCAÇÃO INFANTIL LUGAR DE ENCONTROS: DO PROFESSOR E ALUNO - ADULTO E SUA CRIANÇA.

Faz necessário memorar que a “criança” a qual definimos na atualidade é oriunda de um processo de mudanças do próprio conceito de família, assim como de o de sociedade, haja vista que antes do século XIX, termos como infância, não tinham significados. Nesse ponto de vista, Áries (1981, p.25) reforça

As "idades da vida" ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média. Seus autores empregam uma terminologia que nos parece puramente verbal: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade cada uma dessas palavras designando um período diferente da vida. Desde então, adotamos algumas dessas palavras para designar noções abstratas como puerilidade ou senilidade, mas estes sentidos não estavam contidos nas primeiras acepções.

Nesse sentido percebe-se que a infância era apenas uma faze sem importância, e somente no século XIX, através de Rousseau é que a criança começa a ser vista, no entanto sendo definida como ser angelical, ser de pura bondade, e de acordo com a interação social e aquisição do conhecimento, essa vai apresentando características de insatisfações, ou até mesmo as “birras” como hoje conhecemos. Nessa perspectiva Nery (2012, p.10) reforça

Infância é um conceito amplamente utilizado na área da educação. E Rousseau é um dos importantes intelectuais da educação que auxiliam a refletir sobre esse conceito. Rousseau acreditava que o homem era bom por natureza e que a sociedade o corrompia

No entanto a criança de Rousseau diverge da criança real, pois o espaço da Educação Infantil apresenta como rotina no seu contexto diário que mesmo pequena principalmente quando está passando pelo período de socialização com o espaço escolar demonstra suas insatisfações, as que não tenham desenvolvido a fala, por exemplo, se jogam no chão e choram. O professor por sua vez, lança mão de varias habilidades pedagógico e na convivência com a criança consegue construir certa harmonia nas suas comunicações.

Cabe aqui compartilhar uma pesquisa de campo, onde foi possível obter repostas dos professores que trabalham com as crianças da Educação Infantil do município de São Mateus-ES, assim como acompanhar algumas ações realizadas por eles.

O Centro de Educação Infantil (CEIM) onde foi realizada a pesquisa chamaremos de Centro de Educação Infantil Municipal “Esperança”, que fica situado em um bairro periférico da cidade. O quadro de servidores é composto por um diretor, um Supervisor itinerante (que atende mais 3 CEIM’s) e 5 professores regentes; os únicos professores que se movimentam a cada ano, professores de áreas de disciplinas especificas, como Filosofia, Artes e Educação Física que se modificam a cada ano; uma cozinheira, que trabalha o dia inteiro e duas Auxiliares de serviços gerais, uma em cada turno.

Sobre a clientela: são atendidas crianças de 2 a 5 anos de idade, onde 80 % são moradoras do bairro em que o CEIM está situado, bairro considerado de grande vulnerabilidade social, não sendo incomum situações de tiroteio próximo ao CEIM, chegando até mesmo a ser assassinado no ano de 2016, no portão do CEIM um morador das proximidades do CEIM que fazia serviço voluntário como: limpeza de quintal, a motivação tanto de tiroteio quanto de assassinatos, são rivalidade de gangues.

A idade das professoras regentes de classe que ficam a maior parte do tempo com a criança, varia entre 38 a 63 anos, são efetivas no município desde primeiro concurso público realizado na cidade no ano de 1999 e desde o concurso publico atuam no CEIM.

Desse modo, atuando como diretora no CEIM “Esperança” por quatro anos, foi possível provocar alguns momentos de reflexões, nos dias de Planejamentos Coletivos (PL) que acontecia uma vez por mês, enquanto pesquisadora apresentei como foco os seguintes questionamentos:

O que levou vocês a optarem em trabalhar na Educação Infantil?

Como se sentem sendo professor da Educação Infantil comparando com os professores do Ensino fundamental da rede?

Como que Vocês sentem que os pais das crianças os consideram?

**A professora A**, respondeu que escolheu a Educação Infantil, porque acha as crianças do Ensino Fundamental muito “atentado”, sobre ao que sentia, disse que um pouco desvalorizada, por considerar que a Educação Infantil no Município não tem muito valor, acha que devido às avaliações e IDEB o olhar dos administradores é mais voltado para o Ensino Fundamental e quanto ao sentimento dos pais em relação ao trabalho do professor, disse “às vezes eles acham que somos babá, reclamam se o menino cai, reclama se vai sujo pra casa, mas é claro que tem aquele que valoriza que agradece e até dá presentinho por cuidar do filho”.

**A professora B**, respondeu que escolheu atuar na Educação Infantil, porque diz gostar de crianças, sobre como se sente em relação aos professores do Ensino Fundamental, disse: “A Educação Infantil, parece mais um lixão (pausa), tudo o que não presta mandam pra cá”, se é uma servente que está dando trabalho na rede e não quer trabalhar, mandam para Educação Infantil, como se esse fosse o espaço que tivesse pouco serviço. Como interpreta o sentimento dos pais dos seus alunos em relação ao seu trabalho, respondeu: “Eu tenho pais muito bons que acompanha os filhos em casa estimulam bastante e sempre querem saber como esta o comportamento, já tem outro que acha que somos obrigados a tolerar a pirraça dos filhos deles”.

**A professora C,** disse que atua na Educação Infantil porque sempre se identificou que sente que o sistema que vai além do municipal não valoriza a Educação Infantil, por isso não tem como ficar motivada o tempo todo, mas que ”independente do que os pais pensam ou deixam de pensar, ela tem segurança no que esta fazendo, então, não se abala com nenhum comentário.

**A professora D**, não quis dizer nada, só endoçou as palavras da colega e disse que gosta de criança.

**Já a professora E**, relatou que a Educação Infantil mudou muito, mas ela gostava de como era antes “tinha que aprender na marra, não tinha esse negócio de Pedagogo está ali ensinando, tinha que chegar e se virar na sala” e finalizou dizendo: “A Educação Infantil, não é lugar para qualquer um”.

Durante o período em que fiquei no CEIM “Esperança”, percebi com muita clareza quer por se tratar de crianças pequenas, que ainda não tem controle dos esfíncteres, e por não terem desenvolvido totalmente a fala, requer dos professores muitos cuidados. Sabe-se que o inicio do ano letivo, onde o choro principalmente das crianças menores são constantes, e que para acalmá-las torna-se necessário o colo, pouquíssimas vezes consegui visualizar, sentimentos satisfatório por parte dos profissionais, e quando chegava a hora da saída, cheguei ouvir algumas vezes “graças a Deus”.

Derrepente essa expressão “graças a Deus”, podia justificar a fala da professora “E”, quando diz que “a Educação Infantil, não era para qualquer um”, uma vez que exige desse profissional a condição de dar o cuidado e o afago necessário para aquele momento de mutuo sofrimento, tanto da criança, quanto do professor.

**1.1 Educação Infantil, lugar de encontro e também de Desencontros**

Trazer em evidencia a figura do professor e da criança que se relacionam no espaço da Educação Infantil, onde ora é considerado um espaço propicio para a pessoa em pleno desenvolvimento, ora é considerado um espaço que causa certa angustia pelo profissional que nela atua. Por tanto, percebe-se que o ato essencial que perpassa toda a ação educativa da Educação Infantil, que é o de educar e cuidar, não se constitui em uma tarefa fácil, pois para isso exige-se um envolvimento, do professor e da criança e por que não dizer: Do adulto e da sua criança.

Por essa razão esse encontro do adulto com a criança, não se consiste em uma tarefa fácil, ocasiona o atravessamento inescapável com o infantil, proveniente de prazeres e desprazeres reprimidos que ressurgem nas lacunas da história pulsional[[1]](#footnote-2)\* do professor. (DIAS 2014).

No entanto vale salientar que assim como qualquer processo de mudança, tanto da criança para o espaço da escolarização da educação infantil, similarmente, elucida uma insatisfação do professor, tomado de angustias, impressos na ótica da sexualidade, assim como nas outras facetas da educação.

Nessa lógica Dias (2014, p.49) notabiliza

Nesse contexto, se a criança é aquela que porta o infantil, a partir das vivencias da sexualidade que marcam sua constituição ela, ao mesmo tempo, também interpela o adulto no que dela se inscreve pela via da repetição, ainda que isso não signifique apreende-la. Temos, portanto, uma cena enigmática que mesmo sem a pretensão de domínio absoluto e de controle por parte do adulto, segue produzindo efeito de (des) - encontro, do qual não é possível sair ileso.

A vista disso anuncia um trecho da fala de um professor formado em filosofia, do CEIM “Esperança”, que autorizando escrever tal relato, demonstra certo desconforto quando fala do estar na educação infantil. Quando diz

“eu olhei no edital, e vi que as vagas eram para ensino fundamental, mas quando assumi, falaram que só tinha vaga para educação infantil, sinceramente, não sei o que fazer....”

As professoras me falam, penso que na tentativa de consolar-me: “Não podemos perder você, se não ficamos sem PL”, acho que sou o professor do PL, pois sou filosofo e não fui preparado para educação infantil, mas preciso trabalhar....”

...”sentei com aquelas criancinhas no chão e começaram a chorar dizendo para mim, que queriam a mãe, eu também quis chorar, e também quis a minha mãe”.

A angustia desse encontro com a criança, explicitada na fala do professor, manifesta com latência o infantil que no encontro com a criança, às vezes assusta o adulto, não sabendo o que fazer com a sua criança latente.

Portanto remetendo-nos a fala do professor quando relata: “Não sei o que fazer...”, o mesmo imprime em sua fala um conflito interno que o adulto traça com o infantil, evidenciando que continua a desejar o que sempre desejou.

Simões (2008, p.2) salientar

... a distinção entre a criança da psicanálise e a criança da cronologia. Aquela é "a criança sempre viva com seus impulsos" que habita o "paraíso perdido de nossa infância pré-histórica" (Interpretação dos sonhos). "Civilização extinta", mas nem tanto, já que permanece no adulto, dando origem à "sensação esquisita”.

[...] para obedecer à ordem recebida do antigo professor, como se o tempo não tivesse passado, e a criança não tivesse se tornado um velho.

Nessa perspectiva Freud (1930) traz para reflexão que educar é civilizar. Portanto, a criança inserida na educação infantil, não chega escolarizada, não foi reprimida o suficiente para uma civilização, que cobra caro demais ao individuo dotado de prazeres, desejos e pulsões.

Sobre essa guerra inconsciente que o adulto trava com a criança que manifesta no adulto a sua infância reprimida, Freud (1930, p. 4) destaca

O assunto mal foi estudado ainda, mas é tão atraente e importante, que nos será permitido voltarmos um pouco nossa atenção para ele, ainda que nossa desculpa seja insuficiente. Desde que superamos o erro de supor que o esquecimento com quem os achamos familiarizados significava a destruição do resíduo mnêmico – isto é, a sua aniquilação –, ficamos inclinados a assumir o ponto de vista oposto, ou seja, o de que, na vida mental, nada do que uma vez se formou pode perecer – o de que tudo é, de alguma maneira, preservado e que, em circunstâncias apropriadas (quando, por exemplo, a regressão volta suficientemente atrás), pode ser trazido de novo à luz.

Essa guerra inconsciente evidencia o quanto somos contraditórios realmente, justamente por que as condições estabelecidas pela civilização, não são favoráveis ás manifestações dos desejos, a manifestação desses só podem ser aceitas, desde que passe por um processo de sublimação, ou seja, desde que o individuo a duras penas consiga transformar o seu desejo, ou pulsão (energia psíquica) em algo socialmente aceito.

Por conseguinte, torna- se evidente esse conflito interno do adulto educador para com a criança, o seu aluno, justamente porque “continua a desejar o que sempre desejou”.

Sobre esse processo, fica perceptível o desafio apresentado por Dias (2014.p. 13) ao ressaltar a ação educativa do professor para como seu aluno e a manifestação de certo desconforto ao abordar o real desejo da criança. Assim salienta

Eu planejei tudo direitinho, mas não o que aconteceu com as crianças. Deu tudo errado e eles estavam super agitados. E você precisa ver quando bate o sinal do parque, eles mal esperam eu abrir a porta da sala e já saem todos gritando e correndo, parecem desgovernados. Por isso, eu acho que falta trabalhar mais a autonomia deles, eu falo sobre isso todo dia, mas parece que eles não escutam, parece que estão com a cabeça em outro lugar, só querem saber de brincar”.

Sobre essa modificação dualista de prazer no preparo das atividades e desprazer baseado na pouca importância dada pelas crianças, Marcuse (1966, p. 34) salienta

Freud descreveu essa mudança como a transformação do princípio de prazer em princípio de realidade. A interpretação do aparelho mental de acordo com esses dois princípios é básica para a teoria de Freud e assim permanece, apesar de todas as modificações da concepção dualista.

Corresponde em grande parte (mas não inteiramente) à distinção entre os processos inconscientes e conscientes. É como se o indivíduo existisse em duas diferentes dimensões, caracterizadas por diferentes processos e princípios mentais. A diferença entre essas duas dimensões é tanto de natureza histórica genética como estrutural: o inconsciente, governado pelo princípio de prazer, compreende os mais remotos processos primários, resíduos de uma fase de desenvolvimento em que eles eram a única espécie de processos mentais. Lutavam unicamente por obter prazer; a atividade mental retrai-se, evitando qualquer operação que possa dar origem a sensações de desprazer (dor). Mas o princípio de prazer irrestrito entra em conflito com o meio natural e humano. O indivíduo chega à compreensão traumática de que uma plena e indolor gratificação de suas necessidades é impossível. E após essa experiência de desapontamento, um novo princípio de funcionamento mental ganha ascendência. O princípio de realidade supera o princípio de prazer: o homem aprende a renunciar ao prazer momentâneo, incerto e destrutivo, substituindo-o pelo prazer adiado, restringido, mas garantido.

Simões (2008, pg. 2) faz menção a Freud sobre a amnésia infantil, assim menciona

Talvez sobreviver fosse uma expressão mais adequada para descrever uma convivência que está longe de ser tranquila. "Nossa amnésia infantil prova que nos tornamos estranhos à nossa infância", observou ele em 1913. Um educador, para sê-lo, deve transpor esse abismo e reconciliar-se com a infância, recomenda. O adulto está em guerra com a criança, e nessa encruzilhada traça-se o destino da educação. "Reconciliar" é pôr fim ao conflito, estabelecer a paz.

Sendo assim podemos dizer que essa descoberta proporciona um descolamento enigmático do adulto com a criança, habilitando o professor a olhar o seu próprio fazer pedagógico e às vezes até a se espantar com ele. Nessa perspectiva, seria pertinente pensarmos em uma forma de melhor dinamizar essa relação, professor e aluno, ou adulto e criança.

Em “O casulo”, História de Tia Anastácia de Monteiro Lobato, a infância aparece não mais como um “enigma”, mas como um paraíso, algo desejoso e indaga, será que foi perdido?

Simões (2008, p. 114) destaca

Emília ficou muito admirada de saber que Dona Benta já havia sido criança. - Mas então a senhora também já foi criança, das pequeninas? - perguntou. - Está claro, Emília. Que pergunta!

- E tia Nastácia também?... Que interessante! Está aí uma coisa que nunca me passou pela cabeça. “E ficou pensativa, imaginando como seriam as duas velhas quando criancinhas.”

Imagine o leitor a surpresa da Emília se um dia viesse a saber que a criança continua a viver no adulto!

Revolvendo a história da educação infantil assim como a “escola” de maneira geral, foi pensada para reprimir desejos e prazeres. No ponto de vista da psicanálise, o adulto tem o prazer de reprimir, porque também foi reprimido. Kubic (2007, pg.37) menciona que

[...] as pessoas consideradas pelo senso comum como “normais” são qualificadas pela psicanálise como neuróticas, ou seja, podemos dizer que são portadoras de uma marca infantil que não passa com a idade.

Por isso Freud (1930) aponta de que todas as saídas que a civilização apresenta, são saídas que apelam para o que ele chama de superego, ou seja, o sentimento de culpa, em que cada prazer experimentado exige grandes sacrifícios, e que o próprio Freud vai chamar de forças antagônicas: Pulsão de vida e pulsão de morte.

Sobre essa energia psíquica (pulsões) e a maneira de torná-la inofensiva Freud (1930, p. 36) descreve.

Outra questão nos interessa mais de perto. Quais os meios que a civilização utiliza para inibir a agressividade que se lhe opõe torná-la inócua ou, talvez, livrar-se dela? Já nos familiarizamos com alguns desses métodos, mas ainda não com aquele que parece ser o mais importante. Podemos estudá-lo na história do desenvolvimento do indivíduo. O que acontece neste para tornar inofensivo seu desejo de agressão?

O questionamento de Freud (1930) evidencia a dinâmica dificílima que acontece entre adulto e a criança, nessa relação à dinâmica do professor da educação infantil para com o seu aluno, não tinha como ser fácil mesmo, uma vez que essa absorção do papel do educador, também esta no seu desejo pessoal, que intrinsecamente busca reencontrar a própria criança que foi um dia, afinal, o poeta e cantor Cazuza (Acesso em 14 de Novembro de 2016) já dizia

Eu vejo o futuro repetir o passado. Eu vejo um museu de grandes novidades. O tempo não para. Não para, não, não pára...

Esse verso evidencia claramente a criança da psicanálise que mesmo após um árduo trabalho civilizatório, de isolar e até mesmo separar a criança do adulto, no espaço da Educação Infantil, onde os encontros e reencontros acontecem, percebe-se que o tempo não para.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi possível perceber que a Educação Infantil aparece como espaço propicio aos encontros e por alojar emoções tão antagônicas revestidas de desejos e emoções, evidencia a complexidade da tarefa docente, por ocasionar o que na psicanálise chama de atravessamento do adulto com o seu infantil, oriundos de prazeres e desprazeres, e por trazer a tona no seu encontro com a criança, seu aluno, os desejos que foram reprimidos, mas que mesmo com todos os ajustamentos da sociedade civilizada, este, continua desejar o que sempre desejou, e por que não se jogar no chão, fazer a birra e gritar querendo a mãe.

E assim evidenciando a dificílima dinâmica desses “encontros” o papel do educador traz suas questões pessoais, seus desejos e por que não dizer também suas repressões, que de maneira conflituosa busca de maneira inconsciente reencontrar a sua própria criança.

**REFERÊNCIAS**

ARIES, P. **História Social da Criança e da Família.** Editora S.A. Rio de Janeiro, RJ—1981.

FREUD, S. (1987b). O mal-estar na civilização (**Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. 21). Rio Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1930[1929]).

KUBRIC, S. **O Infantil além dos princípios (psico) pedagógicos: conceitos da psicanálise para uma reflexão sobre a educação.** Dissertação apresentada à Faculdade de São Paulo na área de Psicologia e Educação. <https://drive. google.com/file/d/0B9IwXB-UfHv-c1JzS0NERHR6QmM/view> Acesso em 27 de maio de 2016.

LAJONQUIÈRE, L. **A Infância que inventamos e as escolas de ontem e de hoje.** Artigo. <https://drive. google.com/file/d/0B9IwXB-UfHv-by1Hc0 dEb1dXblk/ view> Acesso em 14 de maio de 2016.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **O que da infância da ilusão (psico) pedagógica mascara.** Debate.<https://drive. google.com/file/d/0B9IwXB-UfHv-OWprVHRF UHV4bXM/view> Acesso em 15 de maio de 2016.

Letras: [**O**](https://www.letras.mus.br/cazuza/45005/O) **tempo não Para.** https://www.letras.mus.br/cazuza/45005/> Acesso em 14 de Novembro de 2016.

OLIVEIRA, Z. M.; MELLO, A. M.; VITÓRIA, T.; FERREIRA, M. C. R. **Creches: crianças faz de conta & cia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação Infantil:** **fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).

PEDROZA**,** R. L. S. **Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar.** Revista do Departamento de Psicologia - UFF, Brasília, abril 2005.

1. \* O termo Pulsão usado na psicanálise a fim de direcionar um impulso energético interno que direciona o comportamento humano [↑](#footnote-ref-2)